



## ARTE-EDUCAÇÃO DECOLONIAL: SABERES E PRÁTICAS NO RECÔNCAVO BAIANO

Jamila de Jesus de Carvalho <sup>1</sup>

Juliana Reis da Silveira <sup>2</sup>

Fredson de Oliveira Martins <sup>3</sup>

### RESUMO

Este relato de experiência descreve vivências formativas desenvolvidas no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), com foco na formação inicial de arte-educadores e na construção de práticas pedagógicas decoloniais. Atuando no campo empírico do Recôncavo baiano, região marcada por intensa riqueza cultural e ancestralidade, as atividades formativas tiveram como eixo central a valorização dos saberes locais e o enfrentamento das múltiplas formas de racismo presentes na escola. A partir de formações online e presenciais, rodas de conversa, leitura de textos acadêmicos e participação em eventos como o Congresso Internacional de Educação Afrocentrada, podemos refletir criticamente sobre o papel da educação na superação do epistemicídio e das desigualdades estruturais. Como ação prática, desenvolvemos uma pesquisa orientada pelo nosso supervisor intitulada “Arte-Educação contra o racismo religioso, ambiental e linguístico na escola”, cujos desdobramentos resultaram na elaboração de uma sequência didática. Além disso, realizamos estudos voltados à interdisciplinaridade nos Anos Finais do Ensino Fundamental, com destaque para temas como arte urbana, culturas populares e manifestações artísticas do Recôncavo, promovendo a articulação entre teoria e prática, conteúdo e território. Tais vivências revelam a importância da formação docente crítica, afetiva e engajada com a transformação social, baseada em referenciais como Paulo Freire, Bell Hooks e Maria da Graça Nicoletti Mizukami.

**Palavras-chave:** Arte-educação; Interdisciplinaridade; Práticas decoloniais; Recôncavo baiano; Antirracismo.

1 Graduando do Curso de Licenciatura interdisciplinar em Artes da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, [jamilacarvalho@aluno.ufrb.edu.br](mailto:jamilacarvalho@aluno.ufrb.edu.br);

2 Graduando do Curso de Licenciatura interdisciplinar em Artes da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, [juliana.r.s@aluno.ufrb.edu.br](mailto:juliana.r.s@aluno.ufrb.edu.br);

3 Professor orientador: Especialista em Docência no Ensino de Literatura – FACUMINAS e Graduado em Licenciatura Interdisciplinar em Artes pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – BA, [fredaonmarins@gmail.com](mailto:fredaonmarins@gmail.com);





## INTRODUÇÃO

A formação inicial de professores no Brasil encontra, no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), uma oportunidade estratégica de aproximação entre licenciandos e a realidade escolar. Mais do que um estágio, o PIBID configura-se como um espaço de formação crítica, experimentação pedagógica e diálogo com os territórios em que a escola está inserida, promovendo a construção de práticas educativas reflexivas e socialmente engajadas.

Este relato de experiência apresenta as vivências formativas de duas bolsistas do Subprojeto Interdisciplinar Artes e História, desenvolvido pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) entre dezembro de 2024 e julho de 2025. As atividades foram realizadas no Centro Educacional Municipal Governador Luiz Viana Filho, em Santo Amaro, e tiveram como eixo central a valorização dos saberes locais, a interdisciplinaridade e o compromisso com práticas pedagógicas decoloniais e antirracistas, fortalecendo a construção identitária de alunos majoritariamente negros.

O percurso formativo, articulado por meio de leituras críticas, participação em eventos culturais, produções de sequências didáticas e outras atividades pedagógicas, permitiu aos bolsistas transitar de uma postura inicial de observação para uma atuação propositiva, consciente e engajada. Dessa forma, o presente trabalho evidencia como a experiência no PIBID contribui para a formação de arte-educadores capazes de articular teoria e prática, promovendo a inclusão, a valorização cultural e o desenvolvimento de competências reflexivas e críticas.

## METODOLOGIA

O diagnóstico da escola-campo foi realizado por meio de uma análise aprofundada do espaço pedagógico e de informações fornecidas pela gestão e supervisão, considerando que a etapa inicial do subprojeto concentrou-se em atividades formativas, leituras, elaboração de propostas pedagógicas e planejamento pedagógico, sem observações diretas em sala de aula. Essa abordagem permitiu compreender a escola como um ambiente complexo, atravessado





por relações sociais, culturais e institucionais que influenciam a prática docente e o processo de aprendizagem.

Para a coleta de dados, foram consultados diferentes documentos institucionais, entre eles o roteiro diagnóstico, que forneceu informações detalhadas sobre a organização da escola, os professores, os funcionários e a coordenação. Esse documento também permitiu conhecer a caracterização da comunidade escolar, revelando que a maioria dos estudantes é composta por crianças negras, provenientes de famílias de classe média baixa, em contexto marcado por desigualdades históricas e socioeconômicas. Além disso, foram analisados os recursos disponíveis — humanos, administrativos, pedagógicos e infraestruturais — e a forma como a escola se articula com a comunidade local, valorizando ou restringindo a participação social.

A análise metodológica incluiu o exame da estrutura administrativa, do planejamento pedagógico e das práticas educativas existentes, buscando compreender como temas como diversidade cultural, meio ambiente e educação inclusiva decolonial são abordados. Foi verificado, ainda, de que forma esses conteúdos são incorporados nas práticas didáticas e na interação entre professores e estudantes, permitindo identificar lacunas e oportunidades para intervenção pedagógica.

O procedimento metodológico também envolveu a reflexão crítica sobre as práticas formativas desenvolvidas no âmbito do subprojeto, como leituras orientadas, conferências, produção de sequências didáticas e construção de mapas conceituais. Essas atividades permitiram aos bolsistas compreenderem os desafios e as potencialidades do contexto escolar, desenvolver empatia e sensibilidade cultural, e articular teoria e prática de maneira integrada.

Essa abordagem ampliada possibilitou que os futuros arte-educadores não apenas compreendessem o funcionamento institucional da escola, mas também refletissem sobre o papel transformador da educação em territórios historicamente marcados por desigualdades e pela presença da cultura afro-brasileira. Dessa forma, a metodologia adotada sustentou a elaboração de propostas pedagógicas que dialogam com a realidade dos estudantes, promovendo práticas educativas inclusivas, críticas e alinhadas aos princípios de decolonialidade, interdisciplinaridade e valorização dos saberes locais.

## REFERENCIAL TEÓRICO





O Recôncavo Baiano, enquanto território histórico e cultural, carrega em sua tessitura marcas profundas da diáspora africana. É um espaço onde a memória não se apresenta apenas como lembrança, mas como força vital que orienta práticas de resistência e reinscrição de sentidos. No entrelaçamento de suas ruas, manifestações culturais e territórios sagrados, encontramos tanto as dores herdadas da escravidão quanto os gestos de insurgência que, geração após geração, reafirmam a potência da vida negra. Pensar a educação nesse contexto significa reconhecer que a sala de aula é também extensão desse território de memórias, onde lembrar e resistir se convertem em princípios pedagógicos decoloniais.

Como afirma Fredson Martins:

Rememorar é lembrar, evocar algo do passado, de forma intencional. É o ato de trazer à mente memórias, compreender o passado e refletir sobre como ele molda o presente. Subverter é desafiar, contestar uma norma, sistema ou estrutura estabelecida. É a ação de agir de forma contrária ao esperado ou de provocar mudanças significativas através da desobediência. Na dialética entre o banzo-rememoração e a subversão-insurgência percebemos a significância da recordação e da movimentação na nossa luta em busca da esperança que de nossas vidas foi ceifada pelo racismo. Rememorar é a base para a subversão. Só com a memória, a lembrança e o banzo, sem a insurgência, a subversão e a esperança, não conseguiremos retornar para a nossa lagoa, portanto, se faz necessário, viver ‘Apesar das acontecimentos do banzo’.(MARTINS, 2023. p.12).

Nesse sentido, a educação deve compreender a memória como ferramenta de libertação, utilizando-se da reflexão crítica sobre o passado para transformar o presente e construir perspectivas futuras. É importante destacar que a formação brasileira tem sido constituída e forjada sob o jugo colonial, quando se trata da subjetividade do povo brasileiro. Toda especificidade que nos distingue enquanto povo e forma a nossa identidade é influenciada pelos colonizadores. Portanto, dentro do processo de resgate de memórias, torna-se necessário identificar o que é próprio e o que foi imposto.

Paulo Freire (1987) reforça essa concepção ao tratar da dualidade dos oprimidos:

O grande problema está em como os oprimidos, que “hospedam” o opressor em si, participam da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação. Somente na medida em que se descubram “hospedeiros” do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora. Enquanto viver a dualidade na qual ser é parecer e parecer é parecer com opressor, é impossível fazê-lo. A pedagogia do oprimido, que não pode ser elaborada pelos opressores, é um dos instrumentos para esta descoberta crítica – a dos oprimidos por si mesmos e





a dos opressores pelos oprimidos, como manifestação da desumanização. (FREIRE, 1987, p. 32)

As leituras de Mizukami (2004) possibilitaram compreender a abordagem sociocultural do ensino como prática situada, adaptada ao contexto específico dos alunos, enfatizando que a aprendizagem ocorre em constante interação social e cultural. Assim, a educação deve ser entendida como um processo mediado pelas relações entre indivíduos, grupos e o ambiente em que estão inseridos, valorizando saberes locais e experiências vividas pelos estudantes. Essa perspectiva sociocultural evidencia que o conhecimento não é apenas transmitido, mas construído coletivamente, em diálogo com a realidade social e cultural dos educandos.

Essa concepção se conecta diretamente à reflexão de Paulo Freire (1987) sobre a pedagogia do oprimido, que destaca a necessidade de os educandos reconhecerem sua condição de “hospedeiros” do opressor para se libertarem e participarem ativamente da construção de sua própria educação. Assim, a prática educativa situacional e sociocultural, defendida por Mizukami, torna-se um instrumento para a superação da dualidade apontada por Freire, permitindo que o conhecimento seja produzido de forma crítica, colaborativa e consciente, fortalecendo a autonomia, a identidade e a consciência histórica dos estudantes.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As vivências formativas desenvolvidas no âmbito do PIBID no Recôncavo Baiano evidenciam a importância de uma prática educativa crítica, decolonial e comprometida com a valorização da diversidade cultural e racial dos estudantes. A escola atendida é majoritariamente composta por crianças e jovens negros, filhos de famílias de classe média baixa, e conta com uma equipe pedagógica predominantemente formada por mulheres negras, fator que contribui significativamente para a construção de práticas que reforcem a identidade e a cultura locais.

As atividades desenvolvidas — leituras críticas, rodas de conversa, participação em eventos culturais e produção de sequências didáticas — possibilitaram a aproximação entre teoria e prática, reforçando a abordagem sociocultural de Mizukami (2004), segundo a qual o conhecimento é construído coletivamente, em constante diálogo com a realidade social e





cultural dos alunos. Essa perspectiva evidencia a aprendizagem como um processo mediado por relações sociais, em que saberes locais e experiências vividas tornam-se fundamentais para a construção de significado.

Ao mesmo tempo, a experiência aproxima-se da pedagogia do oprimido, proposta por Paulo Freire (1987), ao destacar que os educandos devem reconhecer a dualidade imposta pelo opressor para participarem de forma consciente e ativa na construção de sua própria educação. Assim, a prática formativa transcende o ensino de conteúdos: configura-se como espaço de reflexão crítica, emancipação e fortalecimento da autonomia, da identidade e da consciência histórica dos estudantes.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O semestre vivido no âmbito do PIBID/UFRB evidenciou que a docência se constrói na interseção entre saberes acadêmicos, experiências comunitárias e reflexões críticas sobre a realidade social, cultural e histórica dos alunos. Nesse percurso, amadurecemos a compreensão de que o fazer docente não se limita à mera transmissão de conteúdos, mas se configura como mediação de experiências, articulação de saberes e construção conjunta de significados. A prática docente, nesse contexto, demanda sensibilidade para reconhecer a diversidade de trajetórias e vivências dos estudantes, ética para promover relações justas e equitativas, criatividade para desenvolver estratégias pedagógicas significativas e compromisso profundo com a construção de um ambiente educacional inclusivo, acolhedor e humanizador, capaz de fortalecer identidades, valorizar culturas e fomentar a consciência crítica.

As ações desenvolvidas reafirmaram a relevância da arte-educação como instrumento de resistência e emancipação, capaz de promover uma escola decolonial, onde a valorização da ancestralidade, a afirmação de identidades culturais e a superação do epistemicídio tornam-se eixos centrais da prática pedagógica. Ao integrar Artes, História, literatura, música e saberes locais, fica fácil vivenciar e consolidar a interdisciplinaridade como um caminho para a construção de aprendizagens significativas, reflexivas e engajadas.

No início do semestre, os desafios e as inseguranças marcaram o percurso: lidar com a complexidade do ambiente escolar, compreender os diagnósticos institucionais e traduzir teoria em prática pedagógica demandou reflexão constante e coragem para enfrentar a







incerteza. Contudo, ao longo das atividades formativas, leituras críticas, participação em eventos culturais e construção de sequências didáticas, a experiência se consolidou como um espaço de encantamento, descoberta e compromisso ético. Esse é o legado que o PIBID deixa: a compreensão de que ensinar é, acima de tudo, um ato de esperança.

Quando a docência se realiza na intersecção entre memória, cultura e ação crítica, a conscientização dos educandos torna-se um instrumento libertador, em consonância com Paulo Freire (1987), que afirma: “A libertação, por isto, é um parto. É um parto doloroso. O homem que nasce deste parto é um homem novo” (p. 19). Nesse sentido, a prática educativa não se restringe à transmissão de conhecimentos, mas implica em criar condições para que estudantes e professores se reconheçam como sujeitos históricos, capazes de refletir sobre o mundo, questionar estruturas de opressão e agir na transformação da realidade.

Ao final, a experiência no PIBID consolidou a convicção de que educar é participar de um processo coletivo de criação de sentido, de construção de identidade e de valorização cultural, reafirmando que a educação pode ser radicalmente transformadora, inclusiva e libertadora.

## AGRADECIMENTOS

Este relato de experiência foi viabilizado graças ao apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), que possibilitou a participação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e o desenvolvimento das atividades formativas aqui relatadas. Agradeço também à Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) pelo suporte acadêmico, científico e institucional, essencial para a consolidação deste projeto.

Registro minha profunda gratidão à coautora Juliana Reis da Silveira, pela parceria dedicada, troca de saberes e compromisso compartilhado na construção das experiências pedagógicas. Agradeço, ainda, à supervisão do Prof. Esp. Fredson de Oliveira Martins, cujo acompanhamento atento, orientação crítica e incentivo constante foram fundamentais para compreender a docência como prática ética, decolonial e transformadora. Por fim, manifesto meu reconhecimento à orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Tatiana Polliana Pinto de Lima, cuja





coordenação, olhar atento e suporte acadêmico foram decisivos para o amadurecimento deste trabalho, permitindo a articulação consistente entre teoria, prática e reflexão crítica.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 31. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. 5. ed. São Paulo: EPU, 2004.

MARTINS, Fredson de Oliveira. **Ebó de esperança**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Interdisciplinar em Artes) - Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicada, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Santo Amaro, BA, 2023.

